



FILHO, Manuel Alves. O que fazer com as ruínas?: Passados três anos do incêndio do Solar do Visconde de Indaiatuba, a cidade não sabe que medida adotar com os restos do casarão. Diário do Povo, Campinas, 09 fev. 1997.

S MANUEL ALVES FILHO

exta-feira, 18 de fevereiro de 1994. O Solar do Visconde de Indaiatuba, um dos principais edifícios históricos de Campinas, é destruído por um incêndio. No lugar do prédio imponente, construído no período áureo do café, restaram apenas escombros. Fevereiro de 1997. Passados três anos do acidente, a cidade, conhecida como um importante centro cultural do interior do Estado e do País, ainda não sabe o que fazer com as ruínas do casarão.

O monte de entulho e ferro em que o solar foi transformado é emblemático. Tanto as autoridades quanto os especialistas são unânimes: o que sobrou do casarão não tem efetivamente qualquer valor histórico. As certezas, porém, terminam aí.

O secretário de Cultura e presidente do Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Campinas (Condepacc), Marco Antônio Pires Rocha, diz que é favorável à construção de uma réplica do prédio no mesmo local. Na opinião dele, essa seria a melhor maneira de resgatar, ao menos parcialmente, um pedaço importante da memória da cidade.

Rocha reconhece, entretanto, que a Prefeitura não teria de maneira alguma dinheiro para executar uma obra dessa envergadura. A saída mais viável, de acordo com ele, seria o envolvimento da iniciativa privada no projeto. Em contrapartida, a empresa benfeitora poderia receber autorização para construir uma torre comercial ao lado da réplica do solar.

Segundo o secretário de Cultura, já existiriam até mesmo alguns grupos empresariais demonstrando interesse em adotar a idéia. O problema é que o casarão era tombado pelo Condepacc, o que impede a remoção das ruínas e a consequente construção de uma réplica ou mesmo de um outro prédio. "Esse é um problema jurídico que tentaremos contornar junto à proprietária do imóvel e ao Conselho", diz Rocha.

Imbróglio

Para o arquiteto e ex-conselheiro do Condepacc, Antônio Costa Santos, a solução não é tão simples quanto pensa o secretário de Cultura. De acordo com ele,

antes de definir que destino dar aos escombros do casarão, é preciso identificar se não há efetivamente elementos históricos a serem preservados.

Para isso, explica, uma equipe formada por especialistas em arqueologia, arquitetura, história e engenharia teria de realizar escavações no local. Outro obstáculo, prossegue Santos, é o fato de não existir a figura jurídica do destombamento. "Mesmo que não haja nada de valor nas ruínas, elas continuam protegidas pela legislação", sustenta.

Conforme o arquiteto, trata-se de um imbróglio que tem de ser resolvido além da esfera jurídica. "Para contornar essa situação, será necessário um acordo de natureza política entre todas as partes envolvidas", diz. Outra alternativa, segundo Santos, seria a Prefeitura desapropriar o imóvel e depois decidir a sua destinação. Mesmo assim, alerta, a Administração teria de cumprir as mesmas exigências legais. Ele afirma ser contra a idéia de construir uma réplica do casarão.

Prédio moderno

O presidente da Associação dos Engenheiros e Arquitetos de Campinas (Aeac), engenheiro Paulo Sérgio Saran, discorda do ex-conselheiro do Condepacc. De acordo com ele, a figura do destombamento existe e poderia ser aplicada no caso do Solar do Visconde de Indaiatuba.

A preservação das ruínas, na opinião de Saran, não passaria de uma "teimosia" do Condepacc. "Não existe absolutamente nada de histórico naqueles escombros. Aquilo só está servindo para deteriorar ainda mais a imagem da área central", afirma.

O presidente da Aeac defende a construção de um edifício moderno no lugar do casarão. Conforme Saran, o projeto arquitetônico poderia aproveitar elementos do solar. "É possível combinar os dois estilos, de modo a preservar os aspectos históricos do prédio incendiado", defende.

Procurada para falar sobre o assunto, a advogada Neide Caricchio, representante da proprietária do Solar do Visconde de Indaiatuba, não foi encontrada pela reportagem do Diário. Uma placa anunciando a venda do imóvel, porém, continua presa a uma das paredes remanescentes do casarão.



Fachada do Solar do Visconde de Indaiatuba; tombamento pelo Condepacc não permite que obra em ruínas seja demolida